

OUTROS CORPOS? UMA PROPOSTA DE HETEROTOPOLOGIA DO CORPO-ESPAÇO¹

OTHER BODIES? A PROPOSAL OF HETEROTOPOLOGY OF THE BODY-SPACE

¿OTROS CUERPOS? UNA PROPUESTA DE HETEROTOPOLOGÍA DEL CUERPO-ESPACIO

Marina Dalton ²

msdalton123@gmail.com

Fabíola Calazans ³

fabiola.calazans@fac.unb.br

RESUMO

Partindo do conceito de heterotopia (Foucault, 2009) e utilizando a noção de corpo-espaço (Gama-Khalil; Milanez, 2020), neste ensaio, compreendemos o corpo como dispositivo comunicacional. Discutimos o corpo como heterotopia e propomos uma heterotopologia do corpo-espaço. Para isso, investigamos a compreensão foucaultiana de corpo e espaço e sugerimos uma adaptação dos princípios e categorias da heterotopologia apresentada pelo autor de modo a colocar o corpo em evidência. Compreendemos o corpo, por suas dimensões, multiplicidades e potências, como uma heterotopia.

Palavras-chave: Comunicação. Heterotopia. Corpo-espaço.

¹ Este trabalho contou com financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

² Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília.

³ Professora da Graduação e Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília.

ABSTRACT

From the concept of heterotopia (Foucault, 2009) and using the notion of body-space (Gama-Khalil; Milanez, 2020), in this essay, we understand the body as a communicative device. We discuss the body as heterotopia and propose a heterotopology of body-space. To do this, we investigate the Foucauldian understanding of body and space and suggest an adaptation of the principles and categories of heterotopology presented by the author in order to highlight the body. We understand the body, through its dimensions, multiplicities, and powers, as a heterotopia.

Key words: Communication. Heterotopia. Body-space.

RESUMEN

Partiendo del concepto de heterotopía (Foucault, 2009) y utilizando la noción de cuerpo-espacio (Gama-Khalil; Milanez, 2020), en este ensayo, entendemos el cuerpo como un dispositivo comunicativo. Discutimos el cuerpo como heterotopía y proponemos una heterotopología del cuerpo-espacio. Para ello, investigamos la comprensión foucaultiana de cuerpo y espacio y sugerimos una adaptación de los principios y categorías de la heterotopología presentada por el autor de modo que se destaque el cuerpo. Comprendemos el cuerpo, por sus dimensiones, multiplicidades y potencias, como una heterotopía.

Palabras clave: Comunicación. Heterotopía. Cuerpo-espacio.

1 INTRODUÇÃO

A obra de Michel Foucault, embora não contenha explicitamente uma teoria da comunicação, oferece insumos fundamentais para compreender a produção social dos sentidos. Ao investigar subjetividade, poder, saber, linguagem e discurso, Foucault evidencia que a comunicação não se reduz à circulação de mensagens, visto que se constrói historicamente por sujeitos, corpos e formas de visibilidade. Foucault nos convida a analisar o que há por trás das relações de poder, guiando-nos a pensar como práticas comunicacionais são efeito e instrumento dessas forças.

Com efeito, podemos compreender o corpo como lugar de inscrição do poder, mas também como espaço de circulação de sentidos. Em relação ao próprio espaço, Foucault oferece ferramentas para o pensarmos além da configuração física, como construção cultural e política. Em 1967, na conferência “*Des Espaces Autres*” (“Outros espaços”), Foucault apresentou pela primeira vez o conceito de heterotopia, inaugurando sua reflexão sobre a dimensão espacial ao articular espaço, poder, experiência e organização do sensível.

Foucault (2009) define heterotopias como espaços concretos que reúnem múltiplas camadas de sentido e revelam estruturas da sociedade, operando como reflexos ou inversões. Um espaço heterotópico congrega outros espaços simbólicos. Para o autor, as dimensões tempo e espaço estão intrinsecamente relacionadas e podem ser compreendidas por suas redes de conexão. Heterotopias convocam diferentes tempos e espaços, pois o tempo pode ser compreendido espacialmente e o espaço, temporalmente.

Ancorados na investigação foucaultiana sobre espacialidade e discurso, Marisa Gama-Khalil e Nilton Milanez (2020, p. 144) cunham a noção teórica corpo-espaço, visto que “o corpo se situa em um dado espaço, mas ele também é um espaço”. Para os autores, conforme princípios foucaultianos dos regimes de verdade, discurso e heterotopologia, a relação entre espaço e corpo seria uma dobra, pois corpo e espaço estariam contidos um no outro. Corpo e espaço não estariam relacionados à conjunção aditiva “e”, mas à preposição “com”, já que pensamos o corpo no espaço com o espaço

no corpo. Tal relação seria um fenômeno em circuito, por isso a grafia corpo-espaco com hífen.

É importante pensar como esse corpo-espaco não constitui apenas suporte biológico da linguagem, ao ser instância primária de produção, mediação e circulação de sentidos. Para Norval Baitello Junior (2012), toda comunicação é uma relação entre corpos, e o corpo em si é mais complexo do que pura representação ou abstração, o que dialoga com a noção teórica de corpo-espaco. No campo da comunicação, vale ressaltar que José Luiz Braga (2011) rompe com a antiga noção de comunicação como transmissão, pensando a comunicação como processo social de produção e circulação de sentidos. Da mesma forma, Muniz Sodré (2014) ancora a comunicação como produção do comum, sociabilidade e constituição de sujeitos, guiando-nos a pensar a comunicação como dimensão ontológica da existência. Sob essas perspectivas, o corpo deixa de ser apenas objeto dos discursos e relações de poder, sendo compreendido como dispositivo comunicacional — na concepção de dispositivo como elemento que opera poderes e saberes para produzir subjetividades (FOUCAULT, 1988) — que produz e circula sentidos, vínculos, tensionamentos, visibilidades e subjetivações.

Partindo do conceito de heterotopia (FOUCAULT, 2009), compreendendo o corpo como dispositivo comunicacional e utilizando a noção teórica de corpo-espaco (GAMA-KHALIL; MILANEZ, 2020), este ensaio discorre sobre o corpo como heterotopia e propõe uma abordagem teórica apta a compreender corpo e espaco como componentes e princípios importantes da comunicação e do discurso. Discutimos uma aplicação dos princípios e categorias de espacos heterotópicos propostos por Foucault a fim de pensar o corpo, propondo uma heterotopologia do corpo-espaco. Fabulamos que corpos, enquanto objetos comunicacionais mediatizados ou não, enquadram-se nas categorias propostas e, entendendo a heterotopia como potência de insurgência, problematizamos o título deste artigo, “Outros Corpos?”, por compreendermos que todo corpo é, em suma, heterotópico.

2 CORPO E ESPAÇO

Na obra de Foucault, há uma variedade de inter-relações epistemológicas nas quais o corpo está em diálogo. O corpo na pesquisa de Foucault aparece “em relação à linguagem e à literatura, com a distinção entre o normal e o patológico, entre o normal e o anormal, e, sobretudo, com as formas de exercício de poder (as disciplinas e a biopolítica) e as práticas de subjetividade” (CASTRO, 2024, p. 109).

Em “O nascimento da clínica”, Foucault (1977) analisa as transformações da medicina, do olhar clínico sobre o corpo e das práticas, técnicas, objetos e conceitos que constituem o saber médico. No prefácio, afirma: “Este livro trata do espaço, da linguagem e da morte; trata do olhar” (FOUCAULT, 1977, p. VII). Ao examinar a medicina anatomopatológica do século XIX, mostra como a abertura de cadáveres reorganizou a experiência médica e forjou um novo discurso sobre as posições de sujeito do médico e do enfermo. Os cadáveres, afirma, tornam-se “o mais claro momento das figuras da verdade” (FOUCAULT, 1977, p. 142).

Do lugar de produção de verdade por meio da anatomia patológica, o corpo recebe outra mirada investigativa por parte do filósofo apta a detectar uma tessitura teórico-metodológica cujas proposições guiaram uma nova anatomia política do corpo. Segundo o autor,

(...) nos séculos XVI-XVII, vemos crescer no exército, nos colégios, nas oficinas, nas escolas, todo um disciplinamento do corpo, que é o disciplinamento do corpo útil. Aperfeiçoam-se novos procedimentos de vigilância, de controle, de distribuição no espaço, de anotação, etc. Temos todo um investimento do corpo por mecânicas de poder que procuram torná-lo ao mesmo tempo dócil e útil. Temos uma nova anatomia política do corpo (FOUCAULT, 2001, p. 244).

Na perspectiva foucaultiana, os espaços e suas formas de ocupação, em diferentes contextos históricos, expressam modos de organização social e as relações econômicas e políticas que regulam sua distribuição. A história dos vencidos é uma chave de leitura para compreender como saberes e poderes produzem mecanismos de controle, disciplina, punição e silenciamento dos corpos. Essa anatomia política do corpo exige também uma anatomia política dos espaços, pois é na relação entre corpo e espaço que se constituem as disputas de poder e os processos de subjetivação.

As reflexões sobre os espaços vividos nas pesquisas de Foucault se aglutinam com os estudos sobre a construção de sentidos, dizeres de um tempo histórico, poderes e saberes que corroboram com uma vontade de verdade. Na obra de Foucault, o espaço funciona como lente na qual é possível compreender como se configuram práticas disciplinares sobre os corpos. Isso pode ser observado, por exemplo, na obra “História da Loucura”, na qual o autor investiga a constituição histórica acerca do espaço da loucura na sociedade moderna, compreendendo locais nos quais os corpos considerados loucos podiam ou não ocupar (CASTRO, 2024).

Nos estudos de Foucault, podemos apreender o espaço como dispositivo organizativo de ritmos, temporalidades e comportamentos corporais. Assim, os corpos são produzidos em relação a disposições espaciais, de modo que os espaços podem revelar as políticas sobre os corpos. Foucault (2009) afirma que o espaço é engendrado pelas relações com outros espaços, tempos e sujeitos. Segundo o autor, após Galileu, passamos a pensar o espaço como extensão, ou seja, definido por movimento e não repouso. Hoje, trabalhamos com a noção de posicionamento, definido pelas relações de vizinhança e, assim, pensamos o espaço como pontos em rede. O posicionamento determina que a configuração dos espaços depende de sua conexão com outros espaços e diz respeito especialmente a quem ocupa esses espaços e por que motivo são ocupados (AZEVEDO, 2018). Para Foucault, espaços são definidos pelo conjunto de relações que os posicionam em meio à rede de conexão com outros espaços e suas ocupações.

De uma maneira ainda mais concreta, o problema do lugar ou do posicionamento se propõe para os homens em termos de demografia; e esse último problema do posicionamento humano não é simplesmente questão de saber se haverá lugar suficiente para o homem no mundo – problema que é, afinal de contas, muito importante –, é também o problema de saber que relações de vizinhança, que tipo de estocagem, de circulação, de localização, de classificação dos elementos humanos devem ser mantidos de preferência em tal ou tal situação para chegar a tal ou tal fim. Estamos em uma época em que o espaço se oferece a nós sob a forma de relações de posicionamentos (FOUCAULT, 2009, p. 413).

Nota-se aqui a intencionalidade espaço-temporal do posicionamento humano, pois as localizações estão articuladas em uma rede de sentidos e de poderes com as quais os lugares no mundo são engendrados.

Foucault afirma que alguns posicionamentos possuem a capacidade de estar em relação com todos os outros ao mesmo tempo, de forma inclusive contraditória, pois, ao ligar todos os outros posicionamentos, invertem, suspendem ou neutralizam relações. Esses espaços contraditórios seriam de dois tipos: as utopias, que não possuem lugar real; e as heterotopias, que possuem um lugar efetivamente localizável, mas funcionam como um contrapositionamento (FOUCAULT, 2009), isto é, um posicionamento que se localiza em contraposição a outro espaço. Esses contraespaços seriam interpenetrados por todos os outros espaços que eles contestam, criando rupturas, frestas e representações polifônicas. As heterotopias são, pois, espaços concretos cujo posicionamento carrega uma multiplicidade de espaços em si, o que diz respeito à interpenetração de espaços físicos e imaginários. Já heterotopologia seria o estudo das heterotopias, não uma ciência, mas “uma espécie de descrição sistemática que teria por objeto, em uma dada sociedade, o estudo, a análise, a descrição, a ‘leitura’ [...] desses outros lugares, uma espécie de contestação simultaneamente mítica e real do espaço em que vivemos” (FOUCAULT, 2009, p. 415-416).

3 CORPO HETEROTÓPICO

Nosso primeiro esforço é assumir o corpo como espaço. Mais do que puramente a matéria da qual somos feitos, é por meio do corpo que experimentamos e percebemos o mundo (MERLEAU-PONTY, 2011). Corpo é, acima de tudo, o lugar onde nossa subjetividade se constrói e o meio que temos para nos conectar com outros espaços. O corpo está para a presença e a sensorialidade, sendo mídia primária essencial para toda e qualquer comunicação (BAITELLO JUNIOR, 2012) e o meio pelo qual ocorre nossos processos de subjetivação. Entendendo que a comunicação não se restringe à linguagem verbal ou aos meios técnicos, mas está para a produção do comum (SODRÉ, 2014) e constituição de sujeitos (BRAGA, 2011), percebe-se o corpo como indissociável do processo de produção de sentidos. O corpo não apenas está sujeito ao poder, mas constitui o espaço e a mídia de sua inscrição.

Foucault, em “Outros Espaços” (2009), apresenta semelhanças e diferenças entre o “espaço de dentro” e o “espaço de fora”. Segundo o autor, primeiro não seria um

espaço vazio e homogêneo, mas repleto de qualidades e fantasmas. Nele e por meio dele, realizamos nossas percepções e povoamos devaneios e paixões, sendo um espaço simultaneamente fixo e fluido, determinado e mutável. O espaço de dentro é nosso corpo, composto pela multiplicidade de territórios do sujeito, das experiências e imaginários. A análise de Foucault converge com pensamentos fenomenológicos: na corporeidade proposta por Karenine Porpino (2018, p. 20), com base em Merleau-Ponty, a realidade do corpo é complexa, “abrangendo o diálogo entre as múltiplas dualidades da existência”, de modo que o corpo é unidade e multiplicidade simultaneamente.

O “espaço de fora”, por sua vez, seria aquele no qual vivemos e que, também heterogêneo, molda-nos e erode nossa vida, tempo e história (FOUCAULT, 2009). Nosso “espaço de dentro” não reflete somente fatores externos, mas “vivemos no interior de um conjunto de relações que definem posicionamentos irredutíveis uns aos outros e absolutamente impossíveis de ser sobrepostos” (FOUCAULT, 2009, p. 414). Nós, enquanto posicionamentos múltiplos, interpenetramos outros posicionamentos também múltiplos e não há um espaço mais importante que o outro. Entendendo que “o espaço não é o ambiente (real ou lógico) em que as coisas se dispõem, mas o meio pelo qual a posição das coisas se torna possível, [...] a potência universal de suas conexões” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 328), percebemos que o corpo se conecta a outros espaços em uma rede de fluxos impossível de definir precisamente. Se o corpo é meio e conexão, conforme propõe Merleau-Ponty, é também mídia e dispositivo comunicacional, capaz de engendrar sentidos ao mesmo tempo em que os percebe. O corpo seria, assim, um espaço heterotópico, múltiplo e, ao mesmo tempo, um microespaço socialmente produzido, no qual se inscrevem disciplinas, normas, mas também resistências.

Outros pesquisadores já trabalharam com a ideia de corpo enquanto espaço heterotópico em diferentes frentes e abordagens. Marcos Azevedo (2018), utilizando a definição de heterotopia de Foucault e sua linha de análise do discurso, investigou tirinhas da cartunista Laerte Coutinho para discutir práticas do sujeito crossdresser entendendo o corpo como espaço de embate de diferentes relações de poder e inscrições discursivas. Para o pesquisador, o corpo é um espaço heterotópico na medida em que é

resistência, pois abriga marcas das diferentes relações do sujeito consigo e com outros, sendo alvo de efeitos de sentido de diferentes esferas de conhecimento. O corpo é uma materialidade discursiva que, ao mesmo tempo, constitui o sujeito; é arena de luta do sujeito contra formas de interdição engendradas pelo sistema hegemônico que, no caso do objeto analisado, é exemplificado pelo sistema heteronormativo. No corpo está a materialidade da mensagem, mas também o contexto discursivo e instância comunicacional de disputas de sentido que atravessam a vida social.

Claudemar Fernandes e Antônio Fernandes Júnior (2016), na mesma linha, entendem o corpo como espaço de enunciação, materialização de discursos e suporte do sujeito. Em seu estudo, analisam o corpo como heterotopia a partir de uma coreografia apresentada no reality show “Se ela dança, eu danço”, exibido pelo Sistema Brasileiro de Televisão - SBT em janeiro de 2011, no qual o candidato John Lennon da Silva faz uma releitura da coreografia de balé “A Morte do Cisne”. Para esses autores, o corpo se configura como heterotopia ao transformar-se por meio de vestimentas, maquiagem, fantasias e movimentos. De modo perspicaz, os autores apontam a diferenciação entre o corpo utópico proposto por Foucault (2013) e o corpo heterotópico, explicando que “a percepção do corpo como um espaço heterotópico para o sujeito decorre da constatação foucaultiana do sujeito como efeito de subjetividade” (FERNANDES; FERNANDES JÚNIOR, 2016, p. 17).

Karoline Pereira (2015) analisa a nudez do corpo feminino em propagandas turísticas e desfiles carnavalescos à luz de Foucault. Seu trabalho argumenta que o carnaval é espaço heterotópico, pois os sistemas de controle que perpassam a ordem da vida cotidiana são revogados durante esse período e que o corpo opera sob duas ordens discursivas distintas, uma regida por regras e interdições normatizadas (cotidiano) e outra livre de amarras, na qual a ordem é a desordem (carnaval). Apesar de sua pesquisa não discutir diretamente o corpo como heterotopia, a partir dessa provocação podemos pensar a nudez do corpo feminino no carnaval como uma das marcas de subjetividade da heterotopia do corpo.

Ponderando também sobre o corpo da mulher, Marisa Gama-Khalil e Amanda Tonetto (2021) investigam o corpo-espaço como heterotopia e cronotopia a partir de um conto da escritora Lygia Fagundes Telles chamado “O espartilho”. As autoras refletem

que o corpo, além de ser normatizado pelas regras de vigilância e punição dos jogos de poderes contemporâneos, é o lugar que constrói nossa subjetividade e o meio pelo qual somos expostos ao mundo. Em sua análise do conto, as pesquisadoras identificam mecanismos de disciplinaridade que aprisionam corpos femininos e discutem de que forma o corpo-espço da mulher submetido a princípios de controle desenhados para conter a carne encarcera e silencia sua subjetividade. Segundo elas, no conto analisado, o corpo feminino se tornaria um outro espaço, uma heterotopia, ao ousar viver além do cotidiano prosaico e mundano.

De maneira geral, os textos observados entendem o corpo como espaço e analisam-o como posicionamento heterotópico. Ademais, parecem indicar a heterotopia do corpo a partir de sua resistência, como o corpo feminino que ousa ter voz mesmo quando usa espartilho (GAMA-KHALIL; TONETTO, 2021), o corpo crossdresser que desafia o sistema heteronormativo (AZEVEDO, 2018) e o corpo artista que recria a partir de sua própria subjetividade (FERNANDES; FERNANDES JÚNIOR, 2016). Muito foi dito também acerca dos espaços heterotópicos que moldam o corpo e são por ele moldados, como o carnaval (PEREIRA, 2015), o palco (FERNANDES; FERNANDES JÚNIOR, 2016) e o espartilho (GAMA-KHALIL; TONETTO, 2021).

As reflexões analisadas amplamente pretenderam compreender o corpo como espaço, contudo, não encontramos em nenhum dos textos que versam sobre essa temática um esforço de se pensar uma possível heterotopologia do corpo-espço. Assim, identificada a lacuna de pesquisa e com o objetivo de dar continuidade à essa discussão, propomos avançar em um exercício de fabulação teórico-epistemológico. Ousamos pensar em uma possível aplicação dos princípios e categorias das heterotopias – isto é, na proposta de heterotopologia foucaultiana – para definirmos as heterotopias do corpo-espço em um movimento que chamamos heterotopologia do corpo-espço.

Partindo da formulação de Foucault (2009) de que o espelho é um espaço simultaneamente heterotópico e utópico — por projetar um espaço virtual e, ao mesmo tempo, possibilitar uma reconstituição de si —, propomos que o corpo também constitua um espaço e uma mídia mistos, na medida em que é meio, mensagem e interlocutor. O corpo é utópico não por sua inexistência, mas por sua potência, pela infinita possibilidade de tornar-se outro, jamais plenamente realizada. É também

heterotópico, pois sua materialidade é atravessada por experiências, relações de poder e ordens de discurso que produzem a subjetividade. Assim, compreendemos o corpo-espaço como um campo em permanente transformação e, por isso, sempre aberto a novas possibilidades de análise.

4 PRINCÍPIOS DA HETEROTOPOLOGIA DO CORPO-ESPAÇO

Foucault (2009) aponta seis princípios da heterotopologia do espaço de modo a compreender, categorizar, identificar e analisar como os espaços operam em articulação a outros espaços e contraespaços, em uma relação de diferenciação, disputa, tensão e inversão da norma social. A partir dos seis princípios da heterotopologia, propomos uma revisão e atualização dos mesmos, de modo a colocar o corpo em evidência.

O primeiro princípio da heterotopologia designa que “provavelmente não há uma única cultura no mundo que não se constitua de heterotopias [...] é uma constante em qualquer grupo humano” (FOUCAULT, 2009, p. 416). Da mesma forma, não existiria nenhum corpo-espaço que não seja constituído por heterotopias. As subjetividades são compostas por conexões e experiências únicas, de modo que cada corpo é um posicionamento, determinado e delimitado por suas relações, capaz de evocar sua multiplicidade em si. Conforme a teoria da corporeidade (PORPINO, 2018; MERLEAU-PONTY, 2011), a realidade do corpo é simultaneamente complexa e una, repleta de relações dialógicas, indivisível em si mesma, mas intrinsecamente interligada ao mundo, ou seja, a outros espaços.

O segundo princípio determinado por Foucault (2009, p. 417) diz que “no curso de sua história, uma sociedade pode fazer funcionar de uma maneira muito diferente uma heterotopia que existe e que não deixou de existir”, ou seja uma mesma heterotopia transforma sua função ao longo do tempo, pois espaço e tempo são dimensões relacionadas e relacionais. O filósofo complementa: “De fato, cada heterotopia tem um funcionamento preciso e determinado no interior da sociedade, e a mesma heterotopia pode, segundo a sincronia da cultura na qual ela se encontra, ter um funcionamento ou outro” (id. *ibid*). Desse modo, este princípio afirma que toda heterotopia possui um funcionamento específico, próprio, em suas relações com a sociedade na qual se

encontra, mas que pode ser alterado. Assim também ocorre com o corpo-espço heterotópico, pois, ao longo de sua existência, o corpo altera seu funcionamento, sua função e suas interações em relação ao contexto social, cultural, político e econômico da interação à qual está submetido. Um mesmo indivíduo possui modos de ser e estar diferentes de acordo com os diversos contextos, age conforme a função que lhe é esperada (ou não) para aquela situação. Esse aspecto contribui para que o corpo evoque outros espaços, inscreva disputas de sentido comunicacionais e se configure como heterotopia.

Na mesma linha, o terceiro princípio prevê que “a heterotopia tem o poder de justapor em um só lugar real vários espaços, vários posicionamentos que são em si próprios incompatíveis” (FOUCAULT, 2009, p. 418). O corpo é uma representação máxima para tal princípio, pois a multiplicidade do corpo desvela-se justamente na simultaneidade de antagonismos: “Somos, ao mesmo tempo, cultura e natureza, corpo e espírito, razão e emoção, numa simbiose que não pode ser desfeita” (PORPINO, 2018, p. 20). A afirmação de Porpino nos permite compreender ainda que somos uma multiplicidade de efeitos de processos históricos e discursivos.

O quarto princípio, por outro lado, pode não ser instintivamente associado com a realidade do corpo. Diz respeito à relação das heterotopias com recortes do tempo, pois “a heterotopia se põe a funcionar plenamente quando os homens se encontram em uma espécie de ruptura absoluta com o seu tempo tradicional” (FOUCAULT, 2009, p. 418). Contudo, em uma visão holística, é possível perceber como o funcionamento do corpo e da subjetividade estão relacionados a recortes temporais, às experiências, e, da mesma forma, impactam a percepção do tempo e seus recortes, em uma relação simbiótica de tempo-espço. Foucault traz como exemplo desse princípio a heterotopia do cemitério, que joga com a relação entre a finitude da vida e a quase-eternidade. Dessa maneira, a própria finitude do corpo o torna sujeito ao princípio quarto da heterotopologia. Pensamos também na relação com o carnaval cuja efeméride e ciclo antecedem a quaresma. O corpo no carnaval é plena ruptura da ordem dominante e irrompe na subversão das normas.

O quinto princípio proposto por Foucault (2009, p. 420) explica que “as heterotopias supõem sempre um sistema de abertura e fechamento que,

simultaneamente, as isola e as torna penetráveis”, sendo necessário se submeter a ritos e/ou purificações para chegar a elas. O corpo, contudo, seria uma heterotopia que foge ligeiramente a esse princípio, uma vez que o corpo está dado junto com nossa existência, mas, em suas atuações heterotópicas, ele próprio se submete a tais rituais que criam abertura e fechamento, no sentido de transformar-se de uma heterotopia a outra. Um artista, por exemplo, possui seus rituais de preparação para acessar o sentimento estético necessário para entrar no estado de transe (MORIN, 2017) que o permitirá produzir arte. Seu corpo não deixa de ser heterotópico quando entra ou sai do estado de transe, mas muda sua configuração, acessando espaços outros diferentes em cada contexto. Ou seja, na heterotopologia aplicada ao corpo, percebemos o corpo-espaço como heterotopia constante, que se submete a purificações e ritos para transformar-se, mas não para acessar ou sair do modo heterotópico. Em última instância, podemos pensar que o nascimento e a morte seriam os sistemas máximos de abertura e fechamento do corpo heterotópico.

Por fim, “o último traço das heterotopias é que elas têm, em relação ao espaço restante, uma função” (FOUCAULT, 2009, p. 420). Neste último e sexto princípio, o filósofo afirma que são dois os papéis possíveis para uma heterotopia: criar um espaço ilusório ou um espaço de compensação. O corpo-espaço, contudo, possui uma multiplicidade de funções em relação ao mundo bastante mais ampla. Corpo e mundo estão entrelaçados de tal maneira que a função de um para com o outro se dá de forma plural, por meio de percepções e produções de sentido (MERLEAU-PONTY, 2011). Tal qual um quarto não é apenas uma medida e paredes, mas um espaço de memórias, experiências, intimidade e descanso, também o corpo-espaço não é determinado somente por uma ou duas funções, mas por suas variadas faces, dialogias e produções de sentido. Nessa multiplicidade, nossos corpos podem tender tanto para a ilusão quanto para a compensação, como efeitos de processos históricos e discursivos nos quais estamos inscritos e nos deixamos atingir. Além disso, podemos subverter também esse duplo limitador (ilusão e compensação) abrindo caminho para outros modos de ser e estar no mundo, não raro emergindo corpos insurgentes (ROLNIK, 2018) capazes de exercer nossas “resistência(s)”, e como nos lembra Foucault (1988, p. 91), sempre no plural.

5 CATEGORIZAÇÃO DA HETEROTOPOLOGIA DO CORPO-ESPAÇO

Foucault (2009, p. 414) explica que a melhor forma de conhecer as heterotopias e utopias é enxergando-as a partir de suas conexões, ou seja, “buscando qual é o conjunto de relações pelo qual se pode definir esse posicionamento”. Contudo, esclarece que “as heterotopias assumem, evidentemente, formas que são muito variadas, e talvez não se encontrasse uma única forma de heterotopia que fosse absolutamente universal” (FOUCAULT, 2009, p. 416), de modo que classifica os tipos de heterotopias em heterotopias de crise e de desvio, heterotopias crônicas e do tempo que se acumula e, finalmente, heterotopias de ilusão e compensação.

Sem uma intenção de universalizar ou colocar corpos em definições rígidas – em se tratando de subjetividade, são inúmeras e irrepetíveis as potências e possibilidades –, objetivamos aqui uma reinterpretação da categorização apresentada Foucault (2009) em um exercício de fabulação teórico-epistemológica de uma heterotopologia do corpo. O deslocamento do foco do espaço para o corpo, coloca-nos em uma posição estratégica para compreender como as forças que incidem sobre a produção de subjetividade são ubíquas e não estão necessariamente ligadas a um locus específico. Nossa proposta visa categorizar uma heterotopologia do corpo apta a exemplificar posicionamentos de subjetividades e, assim, fornecer suporte teórico para investigações futuras sobre corpo-espaço.

As heterotopias corpóreas se dividem em dois grandes grupos: heterotopias do corpo em crise e heterotopias do corpo desviado. Ao descrever o primeiro princípio da heterotopologia, Foucault (2009) utiliza corpos para exemplificar o que seria uma heterotopia de crise: adolescentes, mulheres no período da menstruação, velhos etc. A crise pode se manifestar inclusive como mal-estar e o sofrimento, os quais estão, na contemporaneidade, relacionados com patologias associadas ao adoecimento mental, não raro, correlato ao excesso de produtividade ocasionado pelo imperativo da Cultura da Performance (EHRENBERG, 2010) e da Sociedade do Desempenho (HAN, 2024).

Esses processos corroboram a lógica da racionalidade neoliberal (DARDOT: LAVAL, 2016, p.16), cuja razão governamental reconfigura nosso modo de existir, “a

forma como somos levados a nos comportar, a nos relacionar com os outros e com nós mesmos”. Essa racionalidade promove competição generalizada, otimização constante e performatividade produtiva ubíqua e constante. Nesse cenário, corpos são mercantilizados e concebidos como uma empresa, cuja norma de vida conduz subjetividades à exaustão e ao adoecimento. Coadunando com Dardot e Laval (2016, p. 27) acerca da “crise generalizada de um modo de governar os homens”, pensamos que a heterotopia do corpo em crise é efeito e instrumento da crise da governamentalidade neoliberal, “de um modo de governo das economias e das sociedade baseado na generalização do mercado e da concorrência”. Está instaurada em nós uma lógica performática de otimização constante que nos leva a uma crise crônica, pois os padrões de produção e consumo são inalcançáveis.

Também estariam nessa categoria de crise os corpos racializados, que forçadamente são marginalizados em uma sociedade que os discrimina, pois o racismo se alimenta de ideologias, estereótipos e preconceitos para organizar os sujeitos em “estruturas sociais hierárquicas que inscrevem relações de dominação no corpo” (LOANGO, 2021, p. 419). Embora Foucault (2009, p. 416) afirme que “em nossa sociedade, essas heterotopias de crise não param de desaparecer”, observamos uma grande presença de corpos em crise na sociedade neoliberal, globalizada e capitalista. A heterotopia do corpo em crise é aquela gerada por corpos-espacos nos quais a própria existência é entendida como um posicionamento de crise em relação ao poder hegemônico. Sua compreensão está relacionada ao entendimento de Giorgio Agamben (2010) acerca do homo sacer, um corpo contraditoriamente condenado, visto como indigno de proteção e ao mesmo tempo sacro, uma figura de exclusão total.

A heterotopia do corpo desviado, por sua vez, está relacionada aos sujeitos cujo comportamento desvia da norma. Para Foucault (2009), os exemplos mais claros de heterotopia do desvio são as prisões e clínicas psiquiátricas, sendo, portanto, os corpos que infringem leis e normas sociais com sua conduta aqueles enquadrados nesta categoria. O autor afirma, ainda, que casas de repouso estariam no limite entre a heterotopia de crise e a de desvio, já que “a velhice é uma crise, mas igualmente um desvio, pois, em nossa sociedade em que o lazer é a regra, a ociosidade constitui uma espécie de desvio”. Hoje, a regra é produtividade, corpos que aparentam ser velhos na

contemporaneidade são desvio, porque são vistos como fruto de um descuido no comportamento. Em um sistema social que prega a hiperprodutividade e tem a figura do empreendedor de si mesmo como máxima (EHRENBERG, 2010), o corpo que se recusa a performar como a regra se torna uma heterotopia do desvio. Estão aqui classificados corpos que evocam resistência, são insurgentes e não-normativos, como alguns corpos de artistas, crianças, velhos, moradores de rua, loucos etc. Um exemplo de corpo mediatizado que representa essa categoria é o de Ney Matogrosso, heterotópico por sua multiplicidade e desviado por sua insurgência (DALTON; CALAZANS, 2026).

O quarto princípio da heterotopologia proposta por Foucault (2009) afirma que heterotopias estão ligadas a recortes do tempo, heterocronias, e que, em relação a esse aspecto, existiriam duas principais categorias espaciais: heterotopias do tempo que se acumula, como museus e bibliotecas; e heterotopias crônicas, do tempo passageiro, como feiras e cidades de veraneio. Considerando que corpos humanos são, por natureza, mortais, finitos e passageiros, ao mesmo tempo em que toda subjetividade é moldada por um acúmulo de experiências, a heterotopologia do corpo subverte essa categorização. Afirmando que o corpo-espaco em diferentes contextos se faz flâneur e passeia entre as várias possibilidades de heterocronias, propomos as categorias: heterotopia do corpo prosaico e heterotopia do corpo poético.

Essa proposta é inspirada no pensamento de Edgar Morin (2017), que distingue a vida humana em dois polos distintos e complementares, a parte prosaica, composta por obrigações, e a poética, que reside no sentimento estético. Evidenciamos, assim, uma dicotomia entre, de um lado, o corpo que vive o tempo positivado pela produção e pelo consumo em modo 24/7 (CRARY, 2014) e, de outro lado, o corpo que se permite viver o tédio e o tempo de não fazer. Esse tempo de não se querer fazer é o tempo de Bartleby, personagem principal do livro “O escrivão”, de Herman Melville, de 1853, analisado por Byung-Chul Han (2024), como uma possível resistência e insurgência em relação à sociedade do desempenho.

A heterotopia do corpo prosaico refere-se ao tempo da rotina e da repetição que visa a tarefa do corpo-espaco funcional, produtivo e institucional. O corpo prosaico refere-se ao tempo que se acumula e está associado ao tempo do capitalismo 24/7, que

aniquila brechas, espaços, dissensos, debates e tempos abertos ao diferente. Nessa performatividade produtiva, “o próprio tempo foi monetizado, e o indivíduo redefinido como um agente econômico em tempo integral”, mesmo no contexto do ‘capitalismo sem emprego’” (CRARY, 2014, p. 80). Não por acaso, na sociedade do desempenho, a solidariedade vem declinando, os indivíduos tendem a se auto explorarem e competirem acirradamente e deslealmente entre si. Nesse cenário, “o sujeito do desempenho explora a si mesmo, até consumir-se completamente (burnout)” (HAN, 2024, p. 105).

A heterotopia do corpo poético faz referência ao tempo não linear, da criação e da ruptura, cuja experiência subjetiva evoca o sensível e a fruição estética. Os corpos evocados nessa heterotopia são considerados insurgentes, pois emergem do prazer, do cuidado de si (FOUCAULT, 1985) e do gozo da vida. Rompem com a norma da produção e do trabalho incessantes, da falta de tempo livre e, mesmo sob a ordem da sociedade do desempenho, aproveitam pequenas alegrias, risadas e brechas de potência de vida, doses de alívio de mazelas e tristezas dos corpos em crise e prosaicos. Exemplos seriam palhaços e grupos de palhaçaria que visitam pessoas doentes em hospitais, desenhistas de charges, cronistas, artistas cômicos etc. Esses corpos se enovelam com o tempo poético do ócio, ou ainda, do fútil e passageiro, mas de algo extremamente necessário para a esperança da vida. É como se fosse um respiro cômico em meio ao caos, uma luz em meio à escuridão.

Em relação ao último princípio da heterotopologia foucaultiana, existiriam duas classificações: heterotopias de ilusão, espaços que denunciam como mais ilusório ainda qualquer espaço real, exemplificado pelo autor como bordéis; e heterotopias de compensação, que criam um outro espaço tão perfeito e meticuloso quanto o nosso é desorganizado, que Foucault (2009) exemplifica como as colônias da América do Sul no período colonial. A heterotopologia do corpo, por sua vez, pode enxergar ambos os papéis de ilusão e compensação nos corpos contemporâneos. A heterotopia ilusória manifesta-se sobretudo em corpos modificados por cirurgias plásticas, implantes de silicone e aplicações de botox, produzindo imagens idealizadas de perfeição e juventude valorizadas pela mídia (CALAZANS, 2024). Concebido como projeto inacabado, o corpo é continuamente convocado ao “aperfeiçoamento”, em um processo que produz transformações e crises que operam como efeitos e instrumentos de sujeição às normas

de poder. Heterotopias de crise e ilusórias são legitimadas pelos saberes e poderes da racionalidade neoliberal, que submete os corpos ao utilitarismo produtivo e à mercantilização das subjetividades. Assim, ambas tendem a expandir-se na contemporaneidade.

Ao contrário da heterotopia de ilusão, em que os corpos são reconfigurados, na heterotopia de compensação, a modificação acontece somente na imagem da projeção, cuja produção é engendrada de modo a aparentar uma forma prestigiosa do corpo, perfeitamente ordenada para ser apresentada nas redes sociais, bem como para toda a escopofilia da cultura digital. Essa exibição busca compensar ou corrigir, na imagem, aspectos do corpo que não correspondem ao ideal desejado, como aparentar maior juventude. Essas heterotopias associam-se ao ideal inalcançável de perfeição e ao imperativo da felicidade, representados sobretudo pelos corpos prestigiosos (CALAZANS, 2024) nas redes sociais.

A lógica da corpolatria também sustenta essa heterotopia, embora dispense transformações físicas: basta aparentar ser (SIBILIA, 2016). No ambiente digital, a perfeição do corpo realiza-se na imagem cuidadosamente produzida, por meio de recursos que forjam a aparência e os afetos desejados. Trata-se de corpos orientados por um ideal de perfeição sempre inalcançável, expresso em sujeitos que recusam o envelhecimento, projetam imagens idealizadas de si e aspiram ao prestígio imagético, em meio à cafetinização de seus corpos-avatars.

6 CONSIDERAÇÕES

Neste ensaio, tomamos por base o pensamento foucaultiano sobre corpos e espaços para propor um guia teórico-metodológico para estudos sobre o corpo como comunicação. Esse esforço só foi possível a partir da compreensão de corpo como dispositivo de comunicação e instância heterotópica na qual se inscrevem, bem como se justapõem e se disputam, regimes de poder e saber. Discutimos de que forma os princípios e categorias pensados por Foucault podem ser aplicados a uma heterotopologia do corpo-espço, com adaptações necessárias devido às características e funcionamento próprios.

Em relação aos princípios da heterotopia na aplicação ao corpo, inferimos que: Não existe nenhum corpo-espço que não seja constituído por heterotopias; Ao longo de sua existência, o corpo altera seu funcionamento, sua função e suas interações em relação ao contexto social, cultural, político e econômico da interação à qual está submetido; O corpo justapõe vários posicionamentos que são em si incompatíveis, pois sua multiplicidade está na simultaneidade de antagonismos; O funcionamento do corpo está relacionado a recortes temporais e experiências; O corpo é uma heterotopia constante, que se submete a purificações e ritos para se transformar; Corpo e mundo estão entrelaçados de forma plural, por meio de percepções e produções de sentido. Propomos, ainda, a existência de seis categorias principais para estudo do corpo como heterotopia: heterotopia do corpo em crise, heterotopia do corpo desviado, heterotopia do corpo prosaico, heterotopia do corpo poético, heterotopia ilusória e heterotopia de compensação. Percebemos, porém, que não são categorias excludentes entre si e que um mesmo corpo perambula por várias — senão todas — ao longo de sua existência e/ou simultaneamente. O corpo, enquanto mídia, mensagem e interlocutor, é dinâmico e composto por conexões mutáveis no tempo e no espaço.

Problematizamos a ideia de “Outros Espaços”, título dado por Foucault (2009) para sua fala acerca das heterotopias e entendemos que todo espaço, sendo um posicionamento que se relaciona com outros espaços e sujeitos, a depender da forma como for investigado, pode ser considerado múltiplo e heterotópico, interpenetrado por outros espaços e corpos. Da mesma forma, todo corpo também é heterotopia. O título deste artigo, “Outros Corpos?”, evoca um diálogo com o texto original de Foucault, pensando na multiplicidade de dimensões e potências que atuam no corpo-espço, e cujo caráter interrogativo problematiza o entendimento de que apenas alguns espaços e corpos estariam nesse escopo.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **Homo sacer**: o poder soberano e a vida nua I. 2ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

AZEVEDO, Marcos Paulo. Corpos em resistência: um olhar sobre a noção de heterotopia de Michel Foucault. **Colineares**, Mossoró, Brasil, v. 5, n. 2, p. 03-17, 2018.

BAITELLO JUNIOR, Norval. **Pensamento sentado**: sobre glúteos, cadeiras e imagens. São Leopoldo – RS: Editora da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2012.

BRAGA, José Luiz. **Constituição do Campo da Comunicação**. Verso e Reverso, vol. XXV, n. 58, jan-abr 2011.

CALAZANS, Fabíola. **Vida performática**: a mulher ótima e feliz na mídia. Curitiba: Appris, 2024.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault**: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. 3ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2024.

CRARY, Jonathan. **24/7**: capitalismo tardio e os fins do sono. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

DALTON, Marina. CALAZANS, Fabíola. “Eu sou homem com H”: heterotopia e corporeidade na cinebiografia de Ney Matogrosso. In: **Anais do 35º Encontro Anual da Compós**. Natal, 2026.

DARDOT, Pierre. LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.

EHRENBERG, Alain. **O culto da performance**: da aventura empreendedora à depressão nervosa. Aparecida, SP: Ed. Ideias e Letras, 2010.

FERNANDES, Claudemar Alves. FERNANDES JÚNIOR, Antônio. O corpo como heterotopia do sujeito. **Working Papers em Linguística**, v. 17, n. 2, p. 06-18, 2016.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade III**: o cuidado de si. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico, as heterotopias**. São Paulo: Edições n-1, 2013.

FOUCAULT, Michel. **O nascimento da clínica**: uma arqueologia do olhar médico. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1977.

FOUCAULT, Michel. **Os anormais**: curso no Collège de France (1974-1975). São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FOUCAULT, Michel. Outros Espaços. In: FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos**: estética — literatura e pintura, música e cinema. vol. III. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2009. p. 411–422.

GAMA-KHALIL, Marisa Martins; MILANEZ, Nilton. Corpo-espaço: organização e funcionamento de uma noção discursiva. **Moara – Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Letras**. v1. n. 57, 2020, p. 143-162.

GAMA-KHALIL, Marisa Martins; TONETTO, Amanda Letícia Falcão. Cronotopias e heterotopias de um corpo-espaço interditado: entre a carne e o espartilho. **Revista Interfaces**, v. 12, n. 03, p. 74–87, 2021.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis, RJ: Vozes; Nobilis, 2024.

LOANGO, Anny Ocoró. O racismo e a hegemonia do privilégio epistêmico. In: **Revista de Filosofia Aurora**, vol. 33, n. 59, p. 417-434, 2021.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Tradução: Carlos Alberto Ribeiro Moura. 4. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

MORIN, Edgar. **Sobre a estética**. Rio de Janeiro: Pró-saber, 2017.

PEREIRA, Karoline Machado Freire. **Corpo, interdição e heterotopia**: a nudez do corpo da mulher no discurso da propaganda turística oficial brasileira. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

PORPINO, Karenine de Oliveira. **Dança é educação**: interfaces entre corporeidade e estética. 2ed. Natal-RN, EDUFRN, 2018.

ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição**: notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: n-1 edições, 2018.

SIBILIA, Paula. **O show do eu**: a intimidade como espetáculo. 2ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.

SODRÉ, Muniz. **A ciência do comum**: notas para o método comunicacional. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

Original recebido em: 07 de abril de 2026

Aceito para publicação em: 10 de julho de 2026

Marina Dalton

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília, na linha de Imagem, Estética e Cultura Contemporânea. Mestre em Comunicação e graduada em jornalismo pela Universidade de Brasília. Membro do grupo de pesquisa CETAS – Centro de Estudos de Tecnologias, Afetos e Subjetividade (CNPq).

Fabíola Calazans

Professora associada e pesquisadora dos cursos de graduação e pós-graduação em Comunicação Social da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. Coordenadora do grupo de pesquisa CETAS – Centro de Estudos de Tecnologia, Afetos e Subjetividade (CNPq). Doutora pelo PPGCOM-FAC/UnB e mestre pelo PPGCOM-UFF em Comunicação Social.



Esta obra está licenciada com uma Licença
Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional